

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

LICENCIATURA EM

# História

MÉTODOS E TÉCNICAS

DE PESQUISA EM HISTÓRIA II

Edson Armando Silva

Francieli Lunelli Santos

Cláudio DeNipoti

PONTA GROSSA - PARANÁ  
2011

# CRÉDITOS

João Carlos Gomes  
**Reitor**

Carlos Luciano Sant'ana Vargas  
**Vice-Reitor**

**Pró-Reitoria de Assuntos Administrativos**  
Ariangelo Hauer Dias – Pró-Reitor

**Pró-Reitoria de Graduação**  
Graciete Tozetto Góes – Pró-Reitor

**Núcleo de Tecnologia e Educação Aberta e a Distância**  
Leide Mara Schmidt – Coordenadora Geral  
Cleide Aparecida Faria Rodrigues – Coordenadora Pedagógica

**Sistema Universidade Aberta do Brasil**  
Hermínia Regina Bugeste Marinho – Coordenadora Geral  
Cleide Aparecida Faria Rodrigues – Coordenadora Adjunta  
Myriam Janet Sacchelli – Coordenadora de Curso  
Roberto Edgar Lamb – Coordenador de Tutoria

**Colaboradores Financeiros**  
Luiz Antonio Martins Wosiack

**Colaboradores de Planejamento**  
Silviane Buss Tupich

**Colaboradores em Informática**

Carlos Alberto Volpi  
Carmen Sílvia Simão Carneiro  
Adilson de Oliveira Pimenta Júnior

**Projeto Gráfico**  
Anselmo Rodrigues de Andrade Júnior

**Colaboradores em EAD**  
Dênia Falcão de Bittencourt  
Jucimara Roesler

**Colaboradores de Publicação**  
Maria Beatriz Ferreira – Revisão  
Sozângela Schemim da Matta – Revisão  
Edson Gil Santos Júnior – Diagramação

**Colaboradores Operacionais**  
Carlos Alex Cavalcante  
Edson Luis Marchinski  
Thiago Barboza Taques

Todos os direitos reservados ao Ministério da Educação  
Sistema Universidade Aberta do Brasil

Ficha catalográfica elaborada pelo Setor Tratamento da Informação BICEN/UEPG.

S586m Silva, Edson Armando  
Métodos e Técnicas de Pesquisa em História II / Edson  
Armando Silva, Francieli Lunelli Santos e Cláudio Denipoti.  
Ponta Grossa : UEPG/NUTEAD, 2011.  
110p. il.

Licenciatura em História - Educação a distância.

1. Construção do objeto. 2. Leituras – desenvolvimento e  
sistematização. 3. Historiador – ferramentas informatizadas.  
4. Historiador – ferramentas informatizadas. 5. Metodologia –  
fontes. 6. Projeto – finalização. I. Santos, Francieli Lunelli.  
II. Denipoti, Cláudio. III. T.

CDD : 001.4

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
Núcleo de Tecnologia e Educação Aberta e a Distância - NUTEAD  
Av. Gal. Carlos Cavalcanti, 4748 - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR  
Tel.: (42) 3220 3163  
www.nutead.org  
2011

# APRESENTAÇÃO INSTITUCIONAL

A Universidade Estadual de Ponta Grossa é uma instituição de ensino superior estadual, democrática, pública e gratuita, que tem por missão responder aos desafios contemporâneos, articulando o global com o local, a qualidade científica e tecnológica com a qualidade social e cumprindo, assim, o seu compromisso com a produção e difusão do conhecimento, com a educação dos cidadãos e com o progresso da coletividade.

No contexto do ensino superior brasileiro, a UEPG se destaca tanto nas atividades de ensino, como na pesquisa e na extensão. Seus cursos de graduação presenciais primam pela qualidade, como comprovam os resultados do ENADE, exame nacional que avalia o desempenho dos acadêmicos e a situa entre as melhores instituições do país.

A trajetória de sucesso, iniciada há mais de 40 anos, permitiu que a UEPG se aventurasse também na educação a distância, modalidade implantada na instituição no ano de 2000 e que, crescendo rapidamente, vem conquistando uma posição de destaque no cenário nacional.

Atualmente, a UEPG é parceira do MEC/CAPES/FNED na execução dos programas Pró-Licenciatura e do Sistema Universidade Aberta do Brasil e atua em 40 polos de apoio presencial, ofertando, diversos cursos de graduação, extensão e pós-graduação a distância nos estados do Paraná, Santa Catarina e São Paulo.

Desse modo, a UEPG se coloca numa posição de vanguarda, assumindo uma proposta educacional democratizante e qualitativamente diferenciada e se afirmando definitivamente no domínio e disseminação das tecnologias da informação e da comunicação.

Os nossos cursos e programas a distância apresentam a mesma carga horária e o mesmo currículo dos cursos presenciais, mas se utilizam de metodologias, mídias e materiais próprios da EaD que, além de serem mais flexíveis e facilitarem o aprendizado, permitem constante interação entre alunos, tutores, professores e coordenação.

Esperamos que você aproveite todos os recursos que oferecemos para promover a sua aprendizagem e que tenha muito sucesso no curso que está realizando.

A Coordenação



# SUMÁRIO

- PALAVRAS DOS PROFESSORES 7
- OBJETIVOS E EMENTA 9

## A CONSTRUÇÃO DO OBJETO 11

- SEÇÃO 1 - (RE)ESTRUTURANDO A QUESTÃO DE PARTIDA 13
- SEÇÃO 2 - A CONSTRUÇÃO DA PROBLEMÁTICA 16
- SEÇÃO 3 - JUSTIFICATIVA (RECORTE ESPACIAL E TEMPORAL) 19
- SEÇÃO 4 - ELABORAÇÃO DOS OBJETIVOS (GERAL E ESPECÍFICOS) 25

## R REFERENCIAL TEÓRICO: DESENVOLVIMENTO E SISTEMATIZAÇÃO DAS LEITURAS 29

- SEÇÃO 1 - BASE CONCEITUAL 30
- SEÇÃO 2 - EXPLORAÇÃO DO TEMA ATRAVÉS DAS LEITURAS 38
- SEÇÃO 3 - COMO ELABORAR UM RESUMO 42
- SEÇÃO 4 - COMPARANDO IDEIAS NOS TEXTOS 43

## F FERRAMENTAS INFORMATIZADAS PARA USO DO HISTORIADOR 49

- SEÇÃO 1 - O ZOTERO 50
- SEÇÃO 2 - O TEXTCITE 57

## M METODOLOGIAS PARA DIFERENTES FONTES HISTÓRICAS 67

- SEÇÃO 1 - INTRODUÇÃO 68
- SEÇÃO 2 - ANÁLISE DE TEXTOS ESCRITOS 72
- SEÇÃO 3 - IMAGENS (FIXAS E EM MOVIMENTO) 75
- SEÇÃO 4 - HISTÓRIA ORAL E DEPOIMENTOS 80
- SEÇÃO 5 - OBJETOS E CULTURA MATERIAL 89

## F FINALIZANDO O PROJETO 95

- SEÇÃO 1 - A CONSTRUÇÃO DA OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA 96
- SEÇÃO 2 - A APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA 97

■ PALAVRAS FINAIS	103
■ REFERÊNCIAS	105
■ NOTAS SOBRE OS AUTORES	109

# PALAVRAS DOS PROFESSORES

Bem-vindo(a) a esta segunda parte da disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa em História.

A disciplina de Métodos II pretende fornecer a você, caro(a) estudante, algumas ferramentas para operacionalização quanto ao seu objeto de pesquisa. Além disso – e depois das reflexões iniciais obtidas a partir da primeira parte desta disciplina, Métodos I – agora os esforços devem ocorrer no sentido de sistematizar as informações obtidas a partir da pergunta de partida e todo o empenho e dedicação atingidos através de sua formulação.

Todas as manifestações humanas podem ser transformadas em objeto de estudo do historiador. Essas manifestações deixam vestígios, pistas que se tornam fontes para execução de seu trabalho de pesquisa. As fontes que foram produzidas no passado podem gerar os questionamentos que são frutos do presente, o que garante historicidade à sua pesquisa.

Pensar história, estabelecer relações, produzir conhecimento histórico é pensar as ações humanas através do tempo, já disse Marc Bloch (BLOCH, 2001, p. 53). Por mais que você pretenda estabelecer uma discussão, uma investigação sobre uma instituição, por exemplo, a história a ser escrita será sobre a intervenção humana nesse contexto. Assim, também é errôneo pensar que o passado é o objeto da história (BLOCH, 2001, p. 52). Os questionamentos sobre o passado são sempre produto do presente, do contexto contemporâneo em que se está inserido.

**O objetivo principal desta disciplina é sistematizar as informações que você já adquiriu até o presente momento, aprofundar leituras, verificar a disponibilidade das fontes históricas, iniciar a coleta e análise das informações obtidas nessas fontes selecionadas e desenvolver as discussões acerca do objeto, culminando na elaboração e apresentação do seu projeto de pesquisa.**

Este material foi produzido de acordo com as necessidades para a construção e elaboração do projeto de pesquisa a ser apresentado no final da disciplina. A unidade I trata da construção da problemática, considerando que a caminhada de pesquisa já foi iniciada em Métodos I. Por isso, há um breve retorno à pergunta de partida, a fim de que seja repensada. Também, na mesma unidade, existem elementos para que se construam a justificativa da pesquisa, os recortes temporal e espacial bem como a elaboração dos objetivos, que são subquestionamentos a serem respondidos através da pesquisa.

A unidade II discute a construção do referencial teórico e pesquisa bibliográfica sobre o tema. A composição de seu referencial teórico é de suma importância. Nesse sentido, a unidade fornece elementos para que você desenvolva as leituras aproveitando seu tempo e auxiliando a comparar ideias de autores diferentes sobre um mesmo tema. Com a finalidade de sistematizar as leituras realizadas, a unidade III fornece algumas ferramentas eletrônicas para o fichamento dessas leituras.

Para o tratamento das fontes documentais de pesquisa, na unidade IV são discutidos alguns modelos metodológicos de acordo com tipos de fontes específicas como textos escritos, imagens (fixas e em movimento), fontes orais, fontes objetos. Cada tipologia de fonte obedece a um tratamento diferenciado dado pelo pesquisador.

Por fim, as etapas para composição, desenvolvimento e formatação do projeto são elencadas na unidade V. Nesse espaço se apresenta um modelo de projeto de pesquisa com uma breve explanação sobre cada etapa a ser construída. Esta é a prática de pesquisa do historiador: pensar o objeto de forma a retirá-lo do senso comum e estabelecer procedimentos de análise, a partir de fontes históricas que tragam à tona informações, devidamente contextualizadas e interpretadas por você. Bons estudos!

Edson Armando Silva  
Francieli Lunelli Santos  
Cláudio DeNipoti

# OBJETIVOS E EMENTA



## OBJETIVO GERAL

- Fornecer subsídios para a construção do projeto de pesquisa e reflexões inerentes à sua execução.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Reestruturar a pergunta de partida desenvolvida com base nos aprofundamentos necessários permitidos através das leituras e pesquisas já realizadas.
- Estimular o contato do pesquisador com fontes históricas e acervos documentais para realização da pesquisa.
- Estruturar as leituras necessárias para a elaboração da problemática e referencial teórico da pesquisa.
- Obter informações sobre o tratamento dado aos tipos de fontes escolhidos para pesquisa.
- Conhecer diferentes metodologias aplicadas aos diversos tipos de fontes existentes.
- Desenvolver o projeto de pesquisa referente ao tema/objeto escolhido.
- Compreender aspectos sobre a elaboração de cada etapa do projeto de pesquisa.

## EMENTA

- A definição metodológica. Vertentes de pesquisa em história: abordagens clássicas e contemporâneas. Desenvolvimento da pesquisa em história. Elaboração do projeto de pesquisa.
- 



# A construção do objeto

## OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

- Reestruturar a pergunta de partida desenvolvida a partir de reflexões realizadas na primeira parte desta disciplina.
- Refletir sobre o problema e a construção do objeto de pesquisa.
- Elaborar a questão central e pensar o objeto de acordo com seus desdobramentos.
- Fornecer elementos para o desenvolvimento da justificativa, dos objetivos e base conceitual da pesquisa.

## ROTEIRO DE ESTUDOS

- SEÇÃO 1 - (Re)estruturando a questão de partida
- SEÇÃO 2 - A construção da problemática
- SEÇÃO 3 - Justificativa (recorte espacial e temporal)
- SEÇÃO 4 - Elaboração dos objetivos (geral e específicos)

UNIDFADE I

# PARA INÍCIO DE CONVERSA

Esta disciplina foi pensada de modo a fornecer a você subsídios para a construção e o desenvolvimento de seu projeto de pesquisa, bem como estruturar a execução desse projeto através da análise das fontes e fundamentação do referencial teórico-metodológico. Mediante os conhecimentos adquiridos com o desenvolvimento da disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa em História I, você já deve ter realizado algumas aproximações com o tema de pesquisa de sua escolha. Com o objetivo de delimitar o assunto e o problema, bem como verificar as possibilidades dessa investigação, você deve ter realizado, até o presente momento, o levantamento bibliográfico do assunto e a consulta, ou mesmo a coleta preliminar de fontes.

Muitas vezes ocorre que o pesquisador/historiador seleciona o tema com base em uma experiência vivida por ele próprio, como trabalho em um acervo, participação em movimentos sociais, vivências políticas, ou até mesmo por se sensibilizar com algum tipo de preconceito ou desigualdade. Enfim, situações geradas pela vida cotidiana podem ser o primeiro passo em direção à escolha e definição de tema.

De qualquer modo, seja de onde quer que parta essa motivação, é preciso que ocorra uma identificação, uma simpatia pelo tema a ser desenvolvido na pesquisa. Por outro lado, além dos fatores de motivação pessoal, também é necessário verificar a disponibilidade das fontes necessárias à realização da pesquisa e o acesso a elas. Observe as seguintes questões que servem de alerta para dar continuidade ao desenvolvimento de sua pesquisa:

- Seu tema é viável do ponto de vista de existência e acesso às fontes históricas?
  - Existe documentação suficiente para que o tema seja analisado?
  - Existe tempo hábil para a realização da pesquisa (coleta e tratamento das informações, leituras necessárias e redação da monografia) conforme o recorte espaço-temporal que foi estabelecido?
- Foram desenvolvidas as leituras e reflexões necessárias para dar aporte teórico ao assunto de pesquisa?

Com base nesses apontamentos iniciais, por assim dizer, serão feitas, a seguir, reflexões sobre a construção do objeto, adotando inicialmente a retomada da pergunta de partida e dando continuidade à elaboração do projeto de pesquisa, através da abordagem de elementos essenciais em sua composição. Bons estudos!

## SEÇÃO 1

### (RE)ESTRUTURANDO A QUESTÃO DE PARTIDA



Ao chegar até aqui, você já deve ter amadurecido seu questionamento inicial, com leituras sobre a temática, como também deve ter verificado suas possibilidades de realização, através do contato prévio com as fontes de pesquisa histórica. É hora de retomar a questão de partida: faça reformulações necessárias em sua pergunta, com base nesse amadurecimento e pesquisas exploratórias.

Este é o momento de construir o projeto de pesquisa desenvolvendo os seguintes passos: problemática, justificativa, objetivos, base conceitual e referencial teórico, análise dos dados obtidos através das fontes e metodologia referente ao tipo específico de fonte em questão. Na disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa I foram discutidos os atos do conhecimento, sugeridos por Baston Bachelard (1985) para a execução da pesquisa: ruptura, construção e verificação. Recomenda-se retomar aquela leitura e aplicá-la na reelaboração ou reestruturação da questão de partida.

Obviamente, se for o caso, você pode manter a questão elaborada para a primeira parte desta disciplina. A necessidade dessa retomada quem define é você, que é quem conduz a pesquisa, portanto, é o sujeito neste processo. Entretanto, é pertinente considerar os apontamentos feitos pelos professores na primeira parte da disciplina, em Métodos I. Retome os feedbacks e verifique as sugestões dadas a partir das tarefas relacionadas ao tema de pesquisa, naquele primeiro momento.

Não descarte possibilidades por parecem inoportunas ou não

se apresentarem como grandes temas para a história da humanidade. Lembre-se de que a Nova História já orientou que é preciso desconstruir a visão sobre os grandes acontecimentos ou grandes homens e seus feitos. Todos têm história (BURKE, 1992, p. 12). É preciso valorizar também, nas palavras de Burke, “as opiniões das pessoas comuns e sua experiência da mudança social.” (BURKE, p. 13).

Dessa forma, o intuito aqui é colocar-se numa perspectiva de pesquisador, sujeito no processo de pesquisa, delimitando o tema, verificando as possibilidades de pesquisa sobre ele e iniciando a pesquisa bibliográfica a esse respeito. Veja o que Vieira argumenta sobre esse processo de escolha:

qualquer que seja o ponto de partida: uma referência bibliográfica, uma reflexão metodológica, um contato com fontes, uma experiência de vida, ou um debate colocado pelo social, a construção do objeto, dependendo da postura teórica do pesquisador e de sua vivência, se realizará por caminhos diferentes, conduzindo a resultados também diferentes. (VIEIRA, 2002, p. 30-31).

Os pontos de partida mencionados por Vieira podem ser algumas das possibilidades de definição do seu assunto de pesquisa, caso ainda esteja em dúvida. Cuidado com a escolha de um tema muito amplo. Mesmo que você aborde seus desdobramentos, a escolha de um tema como “escravidão no Brasil” ou “história das mulheres” não é boa opção para o desenvolvimento de uma monografia de fim de curso. Esse tipo de pesquisa requer especificidade.

A questão da especificidade em uma pesquisa monográfica está diretamente ligada ao recorte temporal e espacial. Você pode se propor a pesquisar a história das mulheres, mas deve selecionar um aspecto dentro dessa temática ampla e estabelecer um recorte de tempo e espaço pertinentes à execução da pesquisa (respeitando o critério exequibilidade, recursos disponíveis, acesso às fontes etc). Existem muitos aspectos a serem considerados sobre essa temática da historiografia. Por isso, você pode iniciar esse recorte com artigos ou livros de revisão bibliográfica, para tomar conhecimento sobre o que já existe publicado e a que os historiadores têm se dedicado a analisar.

Mas, atenção: algumas precauções devem ser tomadas em determinados casos! É necessário ter cautela, por exemplo, para que o envolvimento do pesquisador ou a demasiada aproximação com o tema

não torne o trabalho superficial, ou se torne uma apelação individual ou a defesa de uma causa pessoal e apontada pela forma de redação da problemática. José D'Assunção Barros faz uma importante afirmação sobre isso. "Passados alguns anos, certamente começarão a surgir as teses e reflexões políticas menos comprometidas com as reações emocionais imediatas àqueles acontecimentos, e portanto mais acadêmicas ou profissionais." (BARROS, 2011)

A pesquisa precisa ter relevância para a comunidade científica. Não apenas para você. É sobre isso que tratam as próximas seções e, também, sobre critérios para a elaboração da justificativa do foco da pesquisa. Observe o que ressalta Peter Burke a esse respeito:

O relativismo cultural obviamente se aplica, tanto à própria escrita da história, quanto a seus chamados objetos. Nossas mentes não refletem diretamente a realidade. Só percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra. (BURKE, 1992, p. 15).

Além disso, cuidado para não formular a pergunta, o problema central da pesquisa, e obter a resposta sem precisar da investigação. Essa não é a finalidade do processo. Se isso ocorreu, certamente o problema não é o tema escolhido, mas a dificuldade na elaboração da problematização, habilidade que será desenvolvida com seu amadurecimento como pesquisador. Otimize seu tempo e siga alguns passos destacados a seguir.

Uma dica bastante relevante é registrar todo o percurso metodológico. Mantenha a prática de anotar ou arquivar toda e qualquer aproximação obtida sobre o tema. Registre todas as experiências relativas ao seu objeto de pesquisa, desde os contatos preliminares, pesquisa exploratória, suas impressões e ideias, sugestões de leituras e os resultados que for conseguindo. "Muitas vezes, as anotações mais simples, relacionadas com outras, revelam aspectos inusitados e promovem as conclusões mais interessantes." (SILVA, 2009, p. 61-62). Isso auxiliará você a escrever o texto final, a descrição da pesquisa durante a elaboração do TCC.

Imagine-se na seguinte situação: você marca uma entrevista exploratória e consegue informações de fundamental relevância para seu trabalho, mas não registra essas informações e nem ao menos leva um gravador. Quando chegar o momento de escrever sobre isso, confiando apenas em sua memória, poderá perder detalhes relevantes, muitas

vezes essenciais para compreensão do processo. Nesse sentido, você corre o risco de, por exemplo, deixar-se envolver pelo tema e distorcer a visão do entrevistado sobre determinado acontecimento, substituindo as impressões motivadas pela entrevista por suas próprias impressões.

Para encerrar esta seção, uma breve história. Uma reflexão sobre a elaboração do questionamento.

Certa vez um homem viajava pela Europa e, andando pelas ruas de uma pequena cidade, viu um grupo de pessoas sentadas ao chão, quebrando pedras. Ele aproximou-se de uma delas e questionou: "O que o senhor está fazendo?" E o homem, irritado, respondeu em meio a um acesso de fúria: "O senhor não está vendo?". Então, ele continuou seu caminho. Logo à frente parou e resolveu perguntar novamente: "O que o senhor está fazendo?", e outro homem lhe respondeu: "Eu estou quebrando pedras para garantir o sustento de minha família". E o homem curioso, ainda insatisfeito com as respostas anteriores, questionou uma terceira pessoa. Mas, antes, parou e pensou: "Não é isso que quero saber! Eu não quero saber o que estão fazendo, pois isso eu já sei." E reformulou a pergunta: "Para que o senhor está quebrando essas pedras?" E o terceiro sujeito respondeu: "Estamos trabalhando na construção daquela igreja." Perceba que a formulação da questão diz muita coisa sobre o resultado dela.

## SEÇÃO 2

### A CONSTRUÇÃO DA PROBLEMÁTICA



Seguidos os passos indicados na seção anterior, você deve avançar em direção a uma etapa fundamental na construção de seu objeto, que é a aproximação com as fontes de informação sobre o assunto de seu interesse, para que você problematize o objeto. E, nesse caso, redefinir o tema está profundamente ligado à problematização. Acompanhe alguns apontamentos indicados sobre as partes essenciais do desenvolvimento de seu projeto. Iniciaremos pela problemática de pesquisa.

Agora que você já tem sua pergunta de partida elaborada e reestruturada é o momento de entrar em contato com suas fontes de pesquisa

e conhecer o que já existe publicado sobre o tema, para que possa elaborar a problemática de pesquisa. Você deve estar se perguntando: "Mas, afinal, qual é a diferença entre pergunta de partida e problemática? As duas não são a mesma coisa?" A resposta é não.

Uma pergunta de partida é mais abrangente e primária, e leva em conta que você ainda não definiu com clareza seu objeto de estudo. Na pergunta de partida a relação que se estabelece com o objeto ainda está num ponto mais superficial de ruptura com o senso comum. Já a problemática é o questionamento central sobre o objeto, tem como base seu contato com as fontes de pesquisa e o respaldo adquirido pelo **referencial teórico**.

### REFERENCIAL TEÓRICO

O quadro teórico de referência de um trabalho ou texto acadêmico deve conter a linha metodológica adotada pelo pesquisador e as principais obras já publicadas sobre o assunto em questão. Você pode apropriar-se de um conceito, por exemplo, desenvolvido por outros autores, inclusive de áreas diferentes da sua, como Sociologia, Antropologia, Geografia, Psicologia. Contudo, nunca se esqueça de mencionar essa apropriação, tanto por se tratar da obra de outrem, como por dialogar com outras esferas do conhecimento diversas da sua. Há que se ter cautela, nesse aspecto, para não cometer anacronismos ou aplicar um conceito de maneira diferente do(s) autor(es) citado(s). Na próxima unidade, o referencial teórico será melhor detalhado, a partir das discussões sobre a seleção de leituras e sistematização das informações adquiridas nesse processo reflexivo e contínuo.

A problemática é contínua e seguirá com você durante toda a execução da pesquisa. Ela emerge de um movimento constante entre "empírico e o teórico e vice-versa" (VIEIRA, 2002, p. 38), ou seja, a problemática vai se construindo na medida em que você for desenvolvendo a pesquisa, se aproximando das fontes e compondo seu aparato teórico-metodológico.

**A problemática consiste em identificar e descrever a abordagem teórica do problema colocado pela pergunta de partida.** Em geral, a

elaboração da abordagem teórica se faz em três momentos:

1. Exploração das leituras e entrevistas e análise das diferentes abordagens construídas sobre o problema e das possíveis ligações ou divergências existentes.
2. Diálogo entre o objeto e este quadro de referências teórico-metodológicas.
3. Explicitação do quadro conceitual que caracteriza a sua problemática.

Outra recorrência em pesquisa – já discutida anteriormente, de maneira superficial, na disciplina de Métodos I –, é a delimitação recorte espaço-temporal de seu tema. Geralmente o indivíduo inicia a aproximação com a pesquisa escolhendo uma temática demasiadamente ampla. Não que isso não seja possível, mas quanto tempo demandaria, por exemplo, pesquisar a censura em governos totalitários? E as fontes? E a tabulação dos dados? É necessário delimitar sua pesquisa em relação ao tempo de desenvolvimento. Reflita sobre a afirmação de Pedro Demo: “O pesquisador não somente é quem sabe acumular dados mensurados, mas sobretudo quem nunca desiste de questionar a realidade, sabendo que qualquer conhecimento é apenas um recorte”. (DEMO, 1999, p. 20).

Para construção de uma problemática, além das leituras necessárias pertinentes à temática, você deve responder às seguintes questões, tendo como resposta o enfoque em seu objeto de pesquisa: O quê? Onde? Quando?

- **“O que”** você está pesquisando?
- A segunda questão **“Onde?”** significa demonstrar qual é o recorte espacial desse fenômeno que você busca compreender.
- **“Quando?”** implica o período de tempo relevante para a inteligibilidade do fato considerado, ou seja, este é o recorte temporal da pesquisa. Lembre-se do critério da pertinência utilizado para elaboração de sua pergunta de partida, o qual sugere jamais propor questões sobre algo que ainda não existe. Assim, o recorte temporal deve estar também vinculado a esta ideia.

Ao responder essas perguntas em relação à pesquisa constrói-se aos poucos o objeto, pois ele é recortado da realidade. Um objeto de pesquisa nunca é a realidade em si, mas uma criação mental do pesquisador que se faz na relação com campos científicos de saber.

## SEÇÃO 3

### JUSTIFICATIVA (RECORTE ESPACIAL E TEMPORAL)

Resta ainda responder: “**Por quê?**”. A resposta a essa questão será a formulação da justificativa. Ou seja, nessa resposta você deve convencer o interlocutor sobre a importância de seu trabalho. Sem que se responda isso, dificilmente a relevância de seu trabalho será reconhecida. E é sobre a constituição da resposta que trata esta seção.

Ao responder **Por quê?**, você estará justificando a importância, a relevância de seu trabalho para a comunidade científica. A justificativa é parte do projeto de pesquisa que demonstra a pertinência de seu objeto. A construção do objeto a partir desses recortes não se dá de forma aleatória, pois é sempre definida pelo próprio pesquisador.

Os recortes temáticos espacial e temporal devem ser devidamente justificados e sustentados. Os argumentos que sustentam tais recortes fazem parte da reflexão que torna o fenômeno menos visível, e não são simplesmente apoiados no desejo do investigador. Ao responder a essas questões você está aos poucos construindo o objeto e recortando-o da realidade. Um objeto de pesquisa nunca é a realidade em si, mas uma criação mental do pesquisador que se faz na relação com os campos científicos do saber.

Ainda há que se considerar o **recorte serial**, que tem relação direta com as fontes históricas selecionadas para a pesquisa. Por exemplo, quando se trata de um arquivo de jornais diários de uma determinada cidade, você pode estabelecer um recorte (selecionar uma quantidade específica de jornais ou de artigos) para viabilizar a pesquisa de acordo com os critérios exequibilidade e pertinência de seu tema.

#### FONTES DE PESQUISA HISTÓRICA

As fontes de pesquisa histórica consistem em diversos tipos de informação produzidas pelos seres humanos ao longo do tempo, sistematizadas ou não. São os vestígios, os registros deixados por diversos tipos diferentes de manifestações humanas (textual, imagética, oral, material, arquitetônica etc.). A pesquisa em história

necessita de fontes para a reconstrução dessas manifestações humanas. Marc Bloch ilustra a prática de trabalho de pesquisa.

O historiador, por definição, está na impossibilidade de ele próprio constatar os fatos que estuda. Nenhum egiptólogo viu Ramsés; nenhum especialista das guerras napoleônicas ouviu o canhão de Austerlitz. Das eras que nos precederam, só poderíamos [portanto] falar segundo testemunhas. Estamos, a esse respeito, na situação do investigador que se esforça para reconstruir um crime ao qual não assistiu; do físico, que, retido no quarto pela gripe, só conhece os resultados de suas experiências graças aos relatórios de um funcionário de laboratório. Em suma, em contraste com o conhecimento do presente, o do passado seria necessariamente "indireto". (BLOCH, 2001, p. 69).

Esse contato "indireto" com o passado, a que Bloch se refere, é permitido através do estudo feito a partir de fontes históricas. Você deve recordar a influência exercida da corrente positivista na prática de trabalho do historiador. Pois bem, nas últimas décadas do século XIX a atividade do historiador consistia em descrever fielmente o conteúdo de uma fonte histórica, escrita e de preferência "oficial". O papel do pesquisador era reproduzir fidedignamente suas informações. Entretanto, entende-se que a pesquisa em história ultrapassou esse modelo metodológico de leitura da fonte. Essa pesquisa não é a simples descrição e sistematização do conteúdo das fontes selecionadas, como apontam Vieira e outros autores. Desde meados no século XX, dentro das concepções de fonte histórica reformuladas pela Escola de Annales, considera-se que

o documento já não fala por si mesmo mas necessita de perguntas adequadas. A intencionalidade já passa a ser alvo de preocupação por parte do historiador, num duplo sentido: a intenção do agente histórico presente no documento e a intenção do pesquisador ao se acercar desse documento [...] Nessa prática, progressivamente, o ponto de partida da investigação passa do documento para o problema. (VIEIRA, 2002, p. 15).

As fontes históricas, testemunhos do passado, são repletas de intencionalidade, desde sua produção/construção, como também a análise e interpretação, feitas pelo historiador.

Aqui cabe uma observação importante: fontes históricas são diferentes das referências bibliográficas que constituirão seu referen-

cial teórico. Estas últimas constam da sistematização de pesquisas anteriores ou análises feitas por pesquisadores com base em outras fontes históricas. As referências são obras de caráter científico, pois são produzidas a partir de um método específico de interpretação de documentos, o que não acontece com as fontes históricas.

Alguns exemplos de fontes podem ser: documentos institucionais e pessoais, imagens, jornais, audiovisuais, edificações, entrevistas, objetos, dados estatísticos etc. Os tipos de fontes e as metodologias necessárias para o desenvolvimento de pesquisa com cada uma delas serão assuntos da Unidade IV deste livro.

Com relação à escolha das fontes, há que se ter em mente que “as condições de produção do documento passaram a ser minuciosamente estudadas. Nenhum documento é 'inocente'. Deve ser analisado, confrontado com outras fontes, na busca por evidências. O documento não fala por si, mas necessita de perguntas adequadas; se faz necessário, portanto, o diálogo com as fontes” (ABRÃO, p. 10). O historiador busca as fontes e faz as perguntas que forem pertinentes. O historiador não é um investigador da verdade do passado, mas um intérprete do passado, condicionado pelas suas opiniões políticas, pela sua condição social, pelos valores da sociedade em que vive. Ele está inserido em um contexto com o qual se inter-relaciona.

### **RECORTE ESPACIAL**

Esse recorte é fundamental e deve ser realizado com muito cuidado, já que envolve profundas discussões epistemológicas e metodológicas. Castro (1995, p. 120) alerta que “a análise geográfica dos fenômenos requer objetivar os espaços na escala em que eles são percebidos. Este pode ser um enunciado ou um ponto de partida para considerar, de modo explícito ou subsumido, que o fenômeno observado, articulado a uma determinada escala, ganha um sentido particular”. Esse sentido particular é fruto da pergunta que você tem como fio condutor.

Por exemplo: pesquisar a história da reforma agrária. Mas, em que contexto? No Brasil todo, ou em uma determinada região? Você precisa reduzir o foco para considerar melhorar as particularidades do fenômeno. Outro exemplo: imigração holandesa no Brasil. As colônias holandesas instaladas em nosso país, por mais que tenham a característica de manter as tradições, rituais, representações, não são iguais dentro do espaço geográfico em que se instalaram. As colônias paranaenses são diferentes das colônias paulistas, que também são modelos particulares se comparadas às colônias gaúchas. Desse modo é que se traz novamente o termo “especificidade”.

Lembre-se: você tem alguns meses para concluir a pesquisa e também seu curso. Por isso, não se proponha a pesquisar algo que demandaria anos e até décadas para análise da documentação e definição de referencial teórico. Deixe essas possibilidades (desdobramentos da pesquisa) para uma pós-graduação. O que deve prevalecer nesse momento é o critério exequibilidade e saber adiar um projeto mais amplo, em virtude do que pode ser efetivamente construído. Considere fatores de ordem prática no que se refere à execução dessa pesquisa, de acordo com o recorte espacial estabelecido.

## **RECORTE TEMPORAL**

Envolve também uma dimensão escalar. Pode-se optar pela análise de fenômenos de longa duração que exigem uma observação mais longa do fenômeno para se captar algumas mudanças, ou por recortes temporais menores que possibilitam a exploração da diversidade de relações e significados de um determinado fenômeno naquele momento. Também o recorte temporal não é definido pela realidade em si, mas pela pergunta e pelo aspecto que a problemática quer revelar numa situação específica de pesquisa. (SILVA, p. 68)

Por exemplo: estudar a história da família no Brasil. Mas qual família? Entre qual período? Em que lugar no Brasil? É de uma amplitu-

de tanto temporal quanto espacialmente extremamente perigosa. Há que se considerar a quantidade de modelos, tipos e composições de família em diferentes locais e épocas no Brasil.

Esse recorte não precisa ser representado necessariamente por um número "redondo" (dez anos, vinte anos, um século etc.). Porém, deve estar diretamente ligado ao problema a ser investigado. Não esqueça: é o problema que define o recorte, não o contrário. O problema pode ultrapassar as fronteiras de datas "fechadas" pré-estabelecidas. Um dado acontecimento pode ter repercussões em um período posterior ao de análise de um recorte fechado em décadas, por exemplo. Veja a seguinte possibilidade: estudar o processo de redemocratização do Brasil. Esse contexto exige dimensionar o recorte temporal anterior ao processo de redemocratização, propriamente dito, pois esse processo ocorre a partir de outro: o período ditatorial. Portanto, estudar a redemocratização não se encerra na década de 1980, por assim dizer. Demanda estudar o contexto anterior.



Ao argumentar sobre as justificativas dos recortes espaciais e temporais, você deve refletir sobre a escolha das escalas de análise do fenômeno a ser investigado. Apenas citar as localidades e períodos de tempo para cumprir uma exigência metodológica dos recortes, especial e temporal, não é o suficiente e, certamente, apresentará fragilidades durante a execução desse projeto. É preciso confrontar a pergunta estabelecida com as opções escalares de maneira a possibilitar a melhor inteligibilidade possível do fenômeno. É importante que cada investigador faça seu balanço, já que não existem *a priori* escalas mais importantes do que outras. Tudo depende da pergunta que você faz à realidade.

O momento da definição de sua problemática de pesquisa, segundo Quivy & Campnhoudt (1992), refere-se à inscrição de sua investigação num quadro teórico pré-existente, ou, ainda, à criação de uma nova concepção. Se você é um(a) investigador(a) principiante, é prudente que se conforme com um quadro teórico existente e deixe para os pesquisadores

experientes proceder a superação e a transcendência das problemáticas precedentes. A escolha de uma concepção é resultado de uma reflexão que envolve as convergências que ocorreram entre o quadro teórico, a pergunta de partida e os elementos colhidos na fase exploratória.

É importante ressaltar que, novamente, é necessário voltar-se para a pergunta de partida e, dando-lhe sentido mais específico com base na construção da problemática, torná-la uma questão central. A explicitação de uma problemática se dá com a exposição dos conceitos fundamentais que sustentam as proposições elaboradas a partir da pergunta de partida. Esse momento fornece o plano teórico sobre o qual se constrói o modelo de análise, ou seja, a problemática é o alicerce da sua investigação.

**LEMBRE-SE:**

- Estabeleça distinções das diversas abordagens do problema trazidas pelas suas leituras. Construa os recortes do objeto de pesquisa e suas justificativas.
- Estabeleça as convergências e divergências que aparecem entre os quadros teóricos e as informações obtidas na fase exploratória no campo de pesquisa.
- Inscreva sua investigação em uma abordagem que lhe permita conhecer com propriedade o que investiga.
- Deixe clara a estrutura conceitual de sua problemática.

Na definição de Vieira, “o que se busca no passado é algo que pode até ter-se perdido nesse passado, mas que se coloca no presente como questão não resolvida” (VIEIRA, 2002, p. 43). Neste caso, você deve construir um referencial teórico e a base conceitual de sua pesquisa. Nisso consistem as leituras sobre seu objeto de interesse e a busca pelas possíveis fontes de pesquisa a serem utilizadas para responder ao seu questionamento. Quanto mais você se envolver com seu objeto de estudo, refletir sobre as leituras que realizar, mas embasamento terá para a construção desse objeto. A próxima unidade traz discussões sobre a escolha das leituras e amadurecimento do objeto através do referencial teórico e base conceitual desse estudo.

## SEÇÃO 4

### ELABORAÇÃO DOS OBJETIVOS (GERAL E ESPECÍFICOS)

Esta etapa da elaboração da investigação consiste em tornar a problemática de pesquisa operacionalizável e, posteriormente, orientar o trabalho de observação e análise. Depois da sólida elaboração da problemática, é preciso retomar a questão central (pergunta de partida já reformulada) e fracioná-la em três ou quatro subquestões, que serão apresentados no projeto de pesquisa como os objetivos específicos. Assim, sistematizamos o caminho a ser percorrido através de algumas interrogantes que não são novas questões, mas a subdivisão da questão central.

Aqui o modelo é expresso pela dissecação da questão central em várias subquestões e no dimensionamento dos conceitos a serem colocados em prática. Lembre-se de que os objetivos devem sempre iniciar por um verbo no infinitivo (por exemplo: identificar, refletir, interpretar, analisar, verificar, investigar perceber). O emprego desses verbos não deve ser feito de maneira aleatória. Devem ser observados critérios de acordo com a intencionalidade do verbo empregado. Por exemplo: perceber e observar são verbos que indicam procedimentos e discussões menos complexas do que analisar, que, por sua vez, é mais abrangente do que interpretar e investigar. Os objetivos específicos devem ser listados de acordo com o seu grau de importância na execução e no desenvolvimento do projeto.

Há casos em que o pesquisador prefere desenvolver esse caminho através da execução de objetivos a serem atingidos. Neste caso, você precisa retomar seu objetivo geral da questão central e desdobrá-lo em objetivos específicos, lembrando que todos eles são interdependentes, pois são construídos a partir de um tema único. Cada um dos objetivos específicos deve demandar uma questão operacional, cuja resposta será a análise do objetivo específico referente à sua questão operacional. Ao cumprir os objetivos específicos você estará cumprindo simultaneamente o objetivo geral. Lembre-se de que a questão central (ou objetivo geral) deve explicitar o campo da ciência em que se inscreve a investigação. Acompanhe o infográfico abaixo:

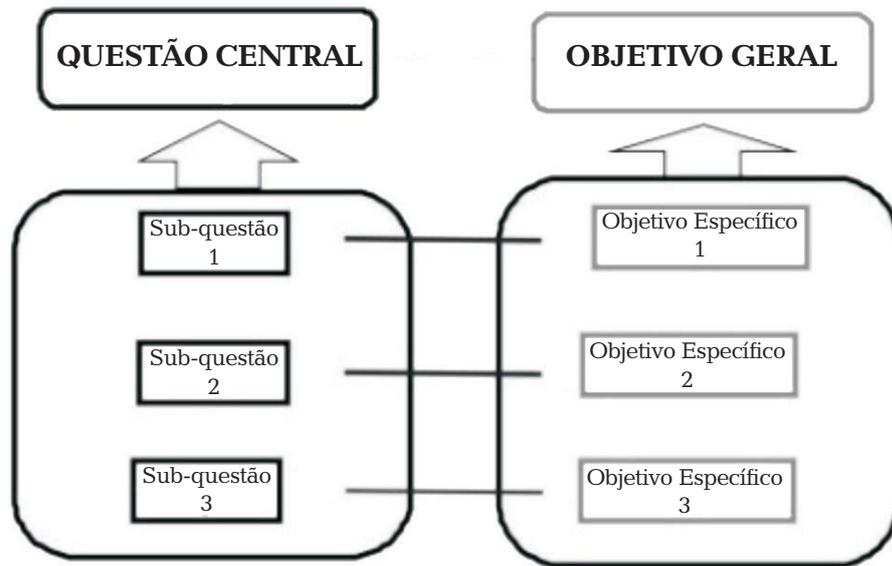
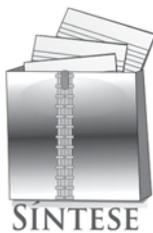


Figura 1 - Esquema: objetivos e subquestões

Lembre-se de que ao formular cada uma das questões operacionais você não está meramente cumprindo uma formalidade. Você deverá nortear sua pesquisa por esses questionamentos originados através da elaboração da questão central.

O modelo metodológico que se opta por usar neste caso – trabalhar com questões operacionais subquestões oriundas da questão central - permite maior abertura e flexibilidade didática. Cada um dos questionamentos pode remeter ao uso de fontes diferenciadas, por exemplo, o que demandará metodologias também diferenciadas, nesses casos.



Parabéns! Você concluiu o estudo da unidade I e, com ela, obteve conhecimentos referentes à construção da problemática, elaboração da justificativa, recortes espaço-temporal e construção dos objetivos, os quais se dividem em questionamento central (convencionalmente denominado como objetivo geral) e subquestões (objetivos específicos) necessárias para o desenvolvimento e operacionalização da pesquisa. A próxima unidade dá continuidade às reflexões que envolvem a produção de seu projeto de pesquisa através da ênfase dada à construção de sua base conceitual. Para que a compreensão dessa etapa fique mais clara a você, como exemplos serão destacados duas ferramentas conceituais para uso do historiador: “representações sociais” e “identidades”.



1. Depois dessa primeira fase da pesquisa, desse momento dedicado à exploração sobre o tema, a sua pergunta de partida ainda reflete sua intenção de pesquisa? Justifique sua resposta.

2. Estabeleça as diferenças entre a pergunta de partida e a problemática de pesquisa, utilizando seu tema. Realize os aprofundamentos que forem necessários para que seu texto demonstre amadurecimento na passagem de uma para outra. Escreva em uma lauda.

